

página 11

pacidade de persuasão” face ao CS, sustenta Mónica Ferro, ex-secretária de Estado da Defesa. Todavia, também o P5 vive momentos de redefinição: a Rússia desafia as normas do direito internacional e actua na Síria (e na Ucrânia) com o objectivo de reassumir um papel de predominância na cena internacional; a China está cada vez mais presente nas operações de paz da ONU, tentando acompanhar militarmente a pujança económica; o papel de um Reino Unido externo à União Europeia é uma incógnita; França tenta lidar com a progressiva perda de relevância económica e política; e os Estados Unidos procuram perceber como actuar, agora que já não pretendem assumir, pelo menos em exclusivo, o papel de “polícia do mundo”.

A dificultar a já de si complexa tarefa de gerar consensos no seio do CS está também o recrudescer da tensão entre os Estados Unidos e a Rússia, para níveis não experimentados desde a queda do Muro de Berlim. O Governo norte-americano acusou recentemente Moscovo de realizar ataques informáticos para interferir na campanha presidencial em curso nos Estados Unidos. Antes, a Rússia suspendeu um acordo bilateral com Washington para a eliminação dos níveis excedentes de plutónio utilizado em armas nucleares. Ao que os Estados Unidos responderam com a suspensão das conversações de paz para a Síria. O ministro alemão dos Negócios Estrangeiros, Frank-Walter Steinmeier, vê o momento actual como o “mais perigoso” desde a implosão do bloco soviético.

“A relação Estados Unidos-Rússia não lhe facilita a vida”, admite a professora de Relações Internacionais do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP). Já Bernardo Pires de Lima salienta que, “como com qualquer secretário-geral no passado, também António Guterres terá a amplitude de movimentos que a cooperação/divergência entre essas duas grandes potências ditar”. A confirmar as dificuldades decorrentes do confronto entre Washington e Moscovo está a própria história da ONU, “que mostra que sempre que há tensões entre membros do CS, o secretário-geral fica com a sua capacidade de acção diminuída”, recorda Miguel Monjardino. O que leva Pires de Lima a pensar que “o CS continuará irreformável a curto prazo”.

#### **“GUTERRES CONHECE BEM OS NÓS GÓRDIOS”**

Apesar de se anteciparem dificuldades várias, o percurso e as qualidades pessoais de António Guterres, bem como o método de eleição agora experimentado pela ONU, são factores que poderão facilitar o papel do português à frente da organização. Desde logo, o saber feito da experiência adquirida durante os 10 anos de chefia do Alto-Comissariado da ONU para os Refugiados (ACNUR). Onde lidou com a crise migratória ainda por resolver e que, junto com o terrorismo, reavivou na Europa os fantasmas populistas e nacionalistas de um passado que se julgava esquecido.

“Guterres conhece bem os nós górdios geradores de maças vagas de refugiados”, diz Pires de Lima, que acredita que o “reconhecimento deste problema à escala global” foi fundamental para a sua eleição. Mónica Ferro destaca também a “sensibilidade política” e a “experiência enquanto primeiro-ministro”, que lhe granjearam “competências de negociador”. É um “comunicador nato”, remata. Por outro lado, esta docente do ISCSP constata que o processo de escolha do secretário-geral configurou a “primeira vez em que os membros do P5 foram confrontados com um compromisso assumido pelos candidatos”. “Os membros permanentes do CS sabem

### **“O sonho dos fundadores das Nações Unidas continua por cumprir”, disse António Guterres no primeiro discurso como secretário-geral eleito da ONU.**

ao que vem Guterres”, conclui Mónica Ferro, secundada por Bernardo Pires de Lima, que destaca a “natureza personalizada e independente” da candidatura do português, que “não é visto como um peão de ninguém”. Apesar de rígida, a estrutura da organização garante a Guterres margem para imprimir a sua agenda. “O secretário-geral é o mais alto funcionário da organização, mas isso não faz dele um mero burocrata”, nota Mónica Ferro.

#### **LÍDER PARA 10 ANOS?**

Na carta de apresentação com que se lançou na corrida à liderança da ONU, António Guterres propôs uma agenda ambiciosa. Aposta na primazia dos direitos humanos, na implementação dos objectivos de desenvolvimento consagrados na Agenda 2030 e numa cultura de “prevenção de conflitos” que assegure “paz e segurança, promovendo o desenvolvimento sustentável, protegendo os direitos humanos e distribuindo ajuda humanitária”. Comprometeu-se também com a paridade total entre homens e mulheres

na futura escolha de funcionários da organização.

Para Guterres, o sucesso desta agenda “será determinado pela disponibilidade para mudar e adaptar-se” que vier a ser demonstrada pela ONU, o que exigirá que o secretário-geral “promova reformas e inovação” no funcionamento da organização, assume. O mesmo é dizer que António Guterres se propõe reformar as Nações Unidas. “Tenho fé numas Nações Unidas reformadas”, afirmou esta quinta-feira em Nova Iorque. Um objectivo propalado desde os anos 1990, mas sempre adiado. Mónica Ferro afiança que “a ambição desta agenda” não é realizável no curto prazo, pelo que Guterres terá de “pensar num segundo mandato”. O problema é que, como refere Monjardino, para ser um “grande secretário-geral”, Guterres terá de “enfrentar facções muito poderosas e os interesses das principais potências. E, se o fizer, pode não ter um segundo mandato”. A chave para fazer vingar o interesse comum passou a estar também nas mãos de Guterres. Afinal, como salientou o próprio, “o sonho dos fundadores das Nações Unidas continua por cumprir”. **W**

## **Os quatro desafios de António Guterres**

Quando, no início do próximo ano, assumir o cargo de secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres já terá delineado um plano de acção. Mas os principais desafios com que a ONU se depara são já bem conhecidos. Uns decorrem de problemas de funcionamento e operacionalidade há muito identificados, outros estão bem explícitos na carta de candidatura do português à liderança da organização.

